

## QUATRO POEMAS.

**“Nós, ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos.”**

Dístico da capela dos Ossos, de Evora.

13.XII.2016.

Arthur Virmond de Lacerda Neto.

“Nós, os ossos, que aqui estamos,  
pelos vossos esperamos”:  
eis inscrição, talvez assustadora,  
certamente comovedora,  
para alguns desacolhedora,  
que lê no alto da entrada,  
pessoa andante ou parada,  
da capela dos ossos famosa,  
porém para muitos nada formosa,  
na vetusta Evora, cidade romana  
na sua origem, que ossada humana  
contém em depósito igrejeiro,  
em volume nada brejeiro,  
porém sim ingente:  
ossos de abundante gente !  
Vivo que lá adentra, observa, um com curiosidade, outro com espanto,  
ainda outro com horror, mesmo o sacripanto.  
De pernas, de braços, de cabeças, caveiras  
lá se conservam, não nas beiras,  
senão no interior de capela vetusta,  
em burgo de temperatura adusta  
no estio do Alentejo tórrido.  
Para o sensível, é depósito hórrido;  
para o sereno, é acúmulo natural,  
pois morrer é normal e nada especial.  
Também o corpo desfazer-se, à ordem do mundo  
pertence: seja Edmundo, seja Segismundo,  
a morte a todos vitima e a nenhum poupa.  
É como na vindima, com muita ou escassa roupa:  
bagos apanhar, uvas colher e depois pisotear.  
Assim, vidas encerrar, corpos enrijecer e depois sepultar.  
Os ossos que lá estão, em corpos já estiveram;  
lá puseram-nos, os frades a quem eles aprouveram.  
Lúgubre arranjo, de paredes singulares adereços,  
ossos empilhados, que pilhas são os seus endereços.  
Entra, depara-te-lhes, medita na morte:  
eis o intuito de quem ali vai com sorte,  
guiado por filosófico norte,  
o de cronometrar o quanto viveu e viverá,  
o tempo que lhe transcorreu e transcorrerá;  
o de examinar a vida que levou e que levará,  
as ações que fez e as que fará,  
o que aproveitou e o que aproveitará.

Se bem viveu e gozou, serenará.  
Se mal viveu e mais padeceu, angústia sentirá.  
Lição de vida e de sabedoria  
não somente por palavras dir-se-ia,  
mas também por simbólica filosofia;  
Lá, por esqueletos se expõe  
que vida perdida é vida que se não repõe,  
que tempo volvido,  
é tempo jamais devolvido.  
Múmias penduradas, cabeças alinhadas,  
costelas acomodadas, até de crianças contaminadas,  
tudo impressiona: ali se vê, fora, o que nos vai dentro,  
o mesmo que se embalsama com coentro.  
É macabro, lúgubre, soturno ?  
Não há candelabro, é salubre e sem igual em Saturno.  
É única em Portugal, rara no mundo:  
não encontras igual, ainda que procures a fundo.  
É antigüidade do século dezessete  
e será atualidade para mais do vinte e sete:  
perene sensação transmite: a do inevitável,  
solene reflexão permite: a do apenas prorrogável.  
Transmite pela visão, permite pela impressão.  
Escusa audição, mas é mister meditação.  
Ossos contados, são cinco mil.  
Mortos empilhados, o estão por ardil,  
obra de três engenhosos franciscanos,  
arte de operosos não republicanos.  
Ossadas ali são singular decoração,  
como assunto de peculiar introspecção,  
extraídos de cemitérios às dezenas,  
onde já se calaram as novenas.  
Arranjados em homenagem ao senhor dos Passos,  
talvez tirados de quem esteve em menagem a senhor de paços.  
De aristocratas, plebeus, profanos e religiosos,  
ali sem pratas, nem caduceus, nem arcanos, porém silenciosos,  
são esqueletos de mortos como prognóstico  
para vivos: viver é depois morrer, diagnóstico  
da humana condição e da geral resolução.  
Se quer orientação para boa decisão,  
é esta: ciente da morte, vive com intensidade,  
como festa. Toma norte na felicidade,  
quer na tua, quer na do teu semelhante.  
Faz o bem, depois e neste instante.  
Se o fizeste, já podes morrer com serenidade.  
Se não o fizeste, apressa-te antes de te acontecer fatalidade.  
De gente egoísta, a ossada é de humano mal quisto.  
De gente altruísta, a ossada é de humano bem visto.  
Osso de morto generoso, é lembrança de bondade.  
Osso de morto ganancioso, é lembrança de ruindade.  
Caveira de quem amparou, é cabeça que o vivo enaltece.

Caveira de quem abandonou, é cabeça de que o vivo se esquece.  
Vestígio de homem bom é relíquia e recordação,  
despojo de homem mau não tem delícia nem atenção.  
Presente de vivo: ossos encarnados.  
Futuro de morto: ossos esburgados.  
Túmulo de gente boa, seja cripta, seja capela,  
sempre é terra de memória bela.  
Os ossos que lá estão, pelos teus esperam:  
os teus eles não vituperam,  
se foste bom, fizeste o bem, procuraste o belo,  
então, não só eles: também os do monte Carmelo.  
Vive com bondade,  
tem humanidade,  
pratica a caridade,  
exerce a compreensão,  
milita com bom coração.  
Um dia morto, a seguir ossada,  
não teme que fique ela amontoada:  
o que da vida se leva  
é a vida que se leva.  
Vida bem vivida, esqueleto realizado.  
Vida mal vivida, defunto frustrado.  
Não teme a morte,  
evita o desnorte.  
Viver bem  
é fazer o bem  
e o mal a ninguém.  
Ossos, todos têm;  
fazer feliz a ti e a alguém,  
procura-o tu também.  
Eis conclusão possível  
da lição terrível  
dos ossos da propecta capela.  
Com mente reta, adentra nela  
e pondera, com introversão, o que a tua concentração  
te revelar: confissão carente de perdão  
ou satisfação por ter mansidão,  
se puderes e quiseses, medita;  
contudo, se fores turista, visita.

### **PÁSSARO MORTO.**

Arthur Virmond de Lacerda Neto.

2.V.2017.

*No mercado Festival, da rua 15 de novembro, em Curitiba. O rapaz chamava-se Lucas; apresentamo-nos por nome. A informação de que se cuidava de chopim foi-me propiciada pelo ornitólogo Fernando da Costa Straube, no mesmo dia.*

Foi hoje de tarde; de três horas passava,

e porque erva mate me escasseava,  
para de fardos dela me abastecer  
e chimarrão sorver, quando me apetecer,  
dois pacotes no mercado comprei.  
Na bicha, antes de pagá-los, rapaz notei  
e olhar atento lhe fixei.  
Ele me viu, porém mal me relanceou  
e em mim mais não atentou.  
Há, contudo, olhares fugazes, em aparência ligeiros,  
que ocultam sentimentos vívidos e verdadeiros.  
Na saída, depara-se-me o inesperado:  
encontro, exânime, bicho alado.  
Era pássaro: - *Será gralha azul ou chopim ?* excogitei.  
Do chão, pesaroso, o arrepanhei.  
Era bruno por inteiro e se me afigurou negro azulado:  
pareceu-me gralha, e morto pôs-me contristado.  
Gralha azul, do Paraná é símbolo alado:  
sustinha, se o fora, cadáver venerado.  
Afinal, gralha não era, senão chopim,  
soube-o empós: mantive-lhe pesar, mesmo assim.  
Ave simbólica ou ave trivial,  
respeito e carinho nos merece todo animal.  
Propínquo de mim, o rapaz à cena assistiu  
e, com meiga entonação, me inquiriu  
se, de veras, morto estava.  
Sim, e frio ainda se não encontrava:  
finara de fresco e inda há pouco vivia.  
No chão, de asas e olhos fechados, já agora jazia.  
Que dele fazer, interroguei-me, com recusa de atirá-lo ao monturo:  
seria desdenhá-lo e imputar-lhe destino indigno e escuro.  
Pássaro, mesmo inânime, é bicho  
e negregada atitude seria arrojá-lo ao lixo.  
Cogitei de encomendar empalhá-lo,  
porém sugeriu-me Lucas, o rapaz, sepultá-lo  
nos fundos do mercado, em arvoredo,  
onde cova ele abriu, sem segredo,  
com a força das suas mãos, de terra empoeirados,  
e com os seus sentimentos, delicados.  
Nela depus o morto e de terra cobrimo-lo, eu sentido,  
Lucas, decerto, por igual, compadecido.  
Inumei-o, inumamo-lo com respeito e bondade:  
ave morta, ave bela, mereceu-nos o conceito da piedade.  
Lucas era moço de voz baixa e melodiosa,  
e de entonação mansa e maviosa.  
Falava-me com doçura;  
ouvi-lhe voz de brandura.  
Despedimo-nos com simpatia,  
unidos por recíproca empatia,  
em que eu sentia  
e ele, suponho, de si para si, repetia:  
mimosa ave, pássaro morto,  
jaz em eterno conforto.  
Que da terra em que o guardamos  
nasçam flores: dele sepulto, memória tenhamos  
e que do seu diminuto corpo, inerte com tristeza,  
advenham cores várias e invariada beleza.

## **CORAÇÃO DISPARADO.**

Arthur Virmond de Lacerda Neto.

4.5.2017. *Quando adentrei a sala da turma do ..... e o vi, meu coração disparou. Na preleção anterior, ao referir-me a Adriano e a Antínoo, comovi-me, um pouco, ao rememorar Adriano Magri, morto em 2007.*

Professor adentra o da aula recinto;  
diz, em pensamento: - *Sinto !*  
Coração lhe dispara;  
com força, pulsa, e assim não para.  
Até se põe nervoso:  
mira a alguém com olhar langoroso.  
Quem o visse, ingenuamente, concluiria: - *Avoado...*  
No seu íntimo, ele a si, se reconhecia: - *Extasiado !*  
Em conteúdo de preleção até se equivocou;  
indício de que afeição se lhe fortificou,  
como porque a alguém, em fúnebre memória evocou.  
A alunos referiu, de antigos, amorosa história;  
no seu íntimo aventou, de finado, comovida memória:  
aquela, de Adriano, imperador, que chorou Antínoo, quando este morreu;  
esta, a de Adriano, que chorou, quando morreu: foi quase o seu.  
Culpou-se pelo momentâneo vexame,  
símbolo de bem querer que lhe acode como abelha em enxame  
e reminiscência triste de quem quisera vivente,  
embora há década, para sempre, já ausente.  
A instruendos, acabrunhado, escusou-se: - *Peço desculpas.*  
Todavia, enleio de carinhos, passados e presentes, não são culpas.

## **AUSENTE DA AULA.**

6.5.2017

Arthur Virmond de Lacerda Neto.

À aula faltaste.  
Por que dela te ausentaste ?  
Presente, por ti meu coração já disparou;  
ausente, por causa tua, ele quase parou.  
Presente, a todos olho e em ti reparo;  
ausente, a todos olho e de tua falta sentir, não paro.  
Comigo te melindraste ? Seria mal sem perdão.  
Compromisso à falta te obrigaste ? Seja rara ocasião.  
Vem, que te incumbe vir para me ouvir.  
Vem, que te quero a presença sempre sentir.